

# As três faces de Eros ensaio sobre o amor contrário

Fabio Herrmann\*

## Eros contra Tântatos?

*Pode-se dizer [da psicanálise] o que Lévi-Strauss  
dizia da etnologia: ela dissolve o homem*  
Michel Foucault (1966, p. 390)

Há teorias que são como dunas no deserto. Brotam na areia sem fim do senso comum, onde vagamos todos os inexperientes, esta que não guarda trilhas nem registra pegadas e, justamente por oferecer todos os caminhos, é intransponível, tal como o oceano, tal como o conhecimento, formas irmãs do ilimitado. Ao ilimitado e intransponível os gregos chamavam *ápeiros*, como *ápeiros* diziam também do inexperiente, do desconhecedor. Explica-se: para o inexperiente, toda extensão é infinita. Por isso, juntamos um montinho de pó, erguemos uma referência rasa, e esta vai congregando fatos e idéias porque lá está e leva um nome, como a duna que cresce só porque existe. Algumas são idéias próximas, outras vêm sopradas de áreas distantes; algumas são relevantes, outras sem importância para o tema; naturais alguns fatos, outros inventados ou artificiais, artificialidade que aceitamos, porém, com a maior naturalidade. Servem de referência os conceitos desse modo construídos pelo vento, de referência teórica e de rumo prático para o aprendiz de caminhante psicanalítico, popularizam-se, ganham prestígio topográfico, por assim dizer, pois durante um tempo acreditamos, nós aprendizes, que sejam sólidas montanhas rochosas, mesmo que não cessem de mudar lentamente de posição. Porque, no fim das contas, estão feitas as teorias da mesma areia do senso comum, soprada pelo mesmo vento das opiniões. Os fatos que a elas correspondem mudam com o passar dos anos, muda a sexualidade, muda a psique do real; as noções mudam também, mas não para o mesmo lado: a teoria sexual migra da cama para o berço, cada vez mais primitiva, o pecado da cama para a mesa, a teoria do psiquismo abandona o real e isola-se cada vez mais dentro do indivíduo, como apa-

relho psíquico, até que noção e fato se desencontram. No entanto, como as dunas, tais teorias apenas desaparecem como resultado da erosão eólica, quando muda, por sua vez, o sopro das opiniões. Quantas coisas certas caíram em desuso, pelas quais jurávamos em nossas reuniões científicas, a certeza de que a melancolia vem da apatia da mãe morta, ou a histeria, da rivalidade da mãe viva. Quem hoje apostaria nisso ainda?

Quando a psicanálise trouxe Eros à baila, há coisa de um século, só elevou em duna sua noção, pois que o fato vinha do Gênesis, a prática, de todo dia, as idéias, de toda a literatura, o nome, do mito, e os sentidos, de Hesíodo, seguido dos órficos, mas igualmente de outra meia dúzia de versões. Mesmo o fato erótico muda muito segundo a época, o lugar, os costumes, em particular os maus costumes — como diria a inesquecível Titi de *A reliquia*, de Eça de Queirós: *a relaxação*. Nós analistas, contudo, tratamos a noção de erotismo como se ora fosse o Jaraguá, que onde está sempre lá esteve, ora um sambaqui, resíduo acumulado de vidas passadas. É bom repetir, portanto. Os fatos mudam para um lado, os conceitos mudam para outro, ficam porém certos equívocos.

O surpreendente é que seja o conjunto desses equívocos conceituais aquilo que se costuma transmitir a título de fundamento da teoria psicanalítica, quando esta contém tanta coisa interessante. Ou talvez não tão surpreendente, uma vez que os equívocos nascem precisamente do esquematismo, da reificação e da intuição, os três pilares do senso comum psicanalítico. Esquemas servem para catalogar conceitos; a reificação, para falar de conceitos como se fossem fatos, propriedades concretas do espírito. Quanto à intuição, é notório que qualquer conceito que eu possa intuir direto da minha experiência provavelmente está equivocado, se crermos em Poincaré: “A ciência começa onde termina o bom senso”.

Um dos equívocos do *erotismo psicanalítico*, nosso tema, parece haver se originado numa das eruditas metáforas do mais insuspeito dos analistas, nada menos que nosso mestre Freud. A oposição Eros *versus* Tântatos fixou-se no espírito dos seguidores como o mais fácil dos

\* Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professor da Pontifícia Universidade de São Paulo.

instrumentos teóricos. Cada um de nós a repete, assim mesmo em grego, como se fosse descoberta de sua intuição pessoal da experiência analítica. Que há de mais intuitivo, esquemático e concreto que a oposição entre vida e morte? Haverá algo mais atraente para o pensamento psicanalítico que um belo mito, mais propício a juntar idéias e fatos sob um mesmo nome? Não há.

Tal par de opostos, Freud foi encontrá-lo, como lembra em *Análise terminável e interminável*, em certo Empédocles de Agrigento, um daqueles jônios que queriam saber do que eram feitas as coisas: se de água, se de fogo, se de átomos ou movimento etc. Até aí, tudo bem. Empédocles, o místico médico siciliano engolido pelo Etna, acreditava nos quatro elementos; à força que os unia chamava de *Philótes* (sob cuja ação o universo se tornava esférico e compacto, como imaginara Parmênides), à de repulsão, de *Neikos* (responsável por uma tensão caótica que lembraria talvez o universo de Heráclito), teoria esta bem freudiana aliás, a do médico órfico, cuja reprodução no âmbito do psiquismo atribui Freud a uma presumível criptomnésia, mãe dos plágios que não o são. Acontece, porém, que o protótipo Eros *versus* Tânatos nem sequer nos mitos se sustenta. O deus de coação de ferro e tripas de bronze é vencido no braço por Hércules (na *Alceste* de Eurípidés), é duplamente tapeado por Sísifo, mas não se registram lutas com Eros, nem teria razão, se o desejo sensual turva o juízo de homens e deuses, precipitando-os na *hybris* das batalhas.

O que se esconde nessa pequena confusão? Antes de tudo, a mistura teórica de vida, amor e sexualidade sob um mesmo nome, Eros, para a qual as pessoas não atentam, quando estão ainda tentando engolir o indigesto instinto de morte. Onde se juntam três elementos díspares, é justo suspeitar da manifestação de algum efeito ideológico. A ideologia correspondente não poderia ser mais singela, quase a do mocinho e bandido: do lado positivo, vida, amor, desejo sexual; do lado negativo, morte, destrutividade, sadismo. A psicanálise, que surgiu para denunciar esse tipo de aliança fácil, viu seus praticantes sucumbirem àquilo mesmo que denunciaram, renovando o maniqueísmo dos *princípios*, Eros *versus* Tânatos, que neste caso inaugura a putativa cientificidade de um preconceito dos mais comuns, as forças do bem contra as forças do mal. Para sermos precisos: foi necessário que os analistas juntassem erradamente vida, amor e erotismo para depois descobrirem — *Eureka!* — que na prática só coincidem nalgumas encíclicas papais e no lema do Boston Medical Group: “Sexo é vida”.

Os desencontros interiores dos três Eros podem ser

rastreados com facilidade na literatura. Para não ir à óbvia tradição que, do *Arbiter elegantiarum*, o Petrônio do *Satiricon*, se estende aos libertinos, Sade à frente, basta acompanhar o olho arguto de Proust. Trata-se da passagem de *No caminho de Swann*, em que avalia o sadismo da filha de Vinteuil, que faz amor no sofá com sua companheira lésbica, ao lado do retrato do músico havia pouco falecido. Como num ritual, deliberam cuspir no retrato. O julgamento do autor é tão severo quanto inesperado e exatíssimo. “Uma sádica como ela é um artista do mal... [tais sádicos são] tão naturalmente virtuosos que até o prazer sensual lhes parece uma coisa má, um privilégio dos maus.”<sup>1</sup> A excitação vem aqui ainda do amor, mas do amor contrário, que só se aceita exprimir às avessas, rompendo o nó do triplo sentido de Eros.

Para tomar um segundo exemplo ainda mais taxativo, pode ser útil uma vista de olhos no recém-publicado volume das *Cartas de amor de Fernando Pessoa* (2001). O mais transcendentemente discreto de nossos poetas — nossos, desta língua que somos — arrulha na linguagem erótica mais pueril: “Bébézinho do Nininho-ninho” — datada de 31 de maio de 1920 —, carta que termina com “Jinhos, jinhos e mais jinhos”. Será possível que no fundo do autor do *Além Deus* se esconda um romântico infantil? Claro que não é possível. Ophelinha, a destinatária, queixa-se alguma vez das visitas do *engenheiro naval*, que de quando em quando comparece em lugar do *Nininho* — “Detesto esse Álvaro de Campos...”. Não é de estranhar que o deteste, pois, quando Fernando vem como Álvaro de Campos, diz “coisas sem nexos, destrambelhadas” (p. 38), age inopinadamente e, sobretudo, diz (ou escreve) muito mal do amigo. “Pela minha parte, e como íntimo e sincero amigo que sou do meliante (...) aconselho V. Ex.<sup>a</sup> a pegar a (sua) imagem mental e deitar na pia, por ser materialmente impossível dar esse justo Destino à entidade fingidamente humana...” (25/9/1929). A má opinião que manifesta Álvaro de Campos sobre Fernando Pessoa não é sem precedentes. Com efeito, já em 1915, assim começa seu poemeto “A Fernando Pessoa”: “Depois de doze minutos/ Do seu drama “O Marinheiro”,/ Em que os mais ágeis e astutos/ Se sentem com sono e brutos,/ E de sentido nem cheiro...”. Essa voz cáustica, que parece obcecada em meter o autor de ponta-cabeça num balde (ou, pior, na Boca do Inferno, em Cascais, local de suicídio recente), dá a entender que Fernando não passa de um simulacro de gente — ponto de vista defensável quando sustentado por um heterônimo, para quem todos devem ser simulacros como ele próprio o é —, mas, por outro lado, sugere fortemente que o Fernando das cartas e dos arroubos apaixonados, que ora

1 Na tradução de Mário Quintana.

implora um olhar, ora empurra Ophélia para um vão de escada e arranca-lhe “um beijo enorme, enorme”, de supetão, ora chama-lhe “ácido sulfúrico” ou atribui-lhe “calcinhas cor de rosa (como as usam todas as bebés)”, ou lhe promete “amanhã passo pela tua casa... creio que me reconhecerás; mas é possível que passe disfarçado de vendedor de cautelas, ou de mão de vaca, ou de carroça por consertar”, não seja também lá muito autêntico, personagem menor até que heterônimo, um ortônimo parcial, ou melhor, um homônimo expressamente criado para namorar. Levando ao paroxismo a pieguice epistolar, qualificada por Mourão-Ferreira, nas *Cartas de amor*, de “obsessiva puerilidade”, mas conservando os paradoxos — afinal, nem sempre a voz cáustica é atribuída a Álvaro de Campos —, Fernando Pessoa já prepara por antecipação os versos com que o engenheiro naval, em 1935, brindaria o deslize sentimental perpetrado por aquele preposto desviante da consciência crítica do poeta: “As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas”.<sup>2</sup>

Em suma, Pessoa, como Proust, em momento algum se deixa enganar pela unidade imaginária de vida, amor e estímulo sensual, reunidos arbitrariamente sob a rubrica do bem e do belo, mas cuida de preservar sua consciência da disparidade, ainda que no *engenheiro naval*. Freud tampouco, quero crer, em que pese seu mote predileto sobre os divinos poderes de Eros.<sup>3</sup>

Que Eros deve optar entre significar vida, amor ou estímulo sensual fica hoje muito mais patente que outrora, quando períodos de paz ainda se intercalavam entre as guerras, permitindo diferenciá-las, e o mundo ainda não sofria de superpopulação. É verdade que, segundo os antigos, os deuses teriam tramado a guerra de Tróia para aliviar Géia, a Terra, do peso excessivo da humanidade. Mas aqueles foram tempos mais ingênuos, quando se cria que uns poucos milhões de pessoas já pesavam demais. Hoje, somos bilhões, e Géia não encontra quem lhe escute a reclamação, nem mesmo em Quioto, enquanto se desenvolve a presente guerra populacional. Para tal acúmulo, está visto, receitaria Zeus uma pugna de outro porte, como aquela presentemente em curso: o surdo desenrolar da guerra de dominação planetária, cujos sintomas metaforizam ponto por ponto a catástrofe nuclear, a *guerra que*

*não houve* (Herrmann, 2003). O equilíbrio bipolar do terror atômico dos anos 60 a 80 deu lugar ao terror hegemônico, ou seja, ao atentado global, que se reproduz pontualmente nos pequenos atentados particulares, engendrando o regime político que, já se vão quase 25 anos, em 1981, antecipava nossa teoria sob o nome de *regime do atentado* (Herrmann, 2001, 2003).

Um de tais sintomas representativos da aniquilação suspensa parece ser a erotização da morte, que transforma aos poucos nosso mundo numa UTI global constantemente na vitrina da mídia. Passo a passo, a agonia de João Paulo II foi irradiada, fotografada, filmada, televisionada, com sua explícita participação, diga-se de passagem, exibição que supera à do *pop star* em *The show must go on*, lançando um *pop star* a ser canonizado antes que saia de pauta: *Santo subito*, pediam os cartazes da praça de São Pedro. Não que o espetáculo da morte carecesse de valor erótico noutros tempos. Execuções cruéis, como a do pobre Damians, minuciosamente descrita por Foucault, ou a de Fou-Tchou-Li, cortado em pedacinhos nas fotos que ilustram *Les larmes d'Éros*, de G. Bataille, foram sempre sucesso de público e, a julgar pelo valor e o deleite dos autores citados, também de crítica. Há, porém, uma diferença. Aqueles eram espetáculos eróticos da crueldade da extinção, estes, o do papa ou o da sra. Schiavo, que agitou os Estados Unidos há pouco, da crueldade da conservação. Dá-se que o adiamento do fim do mundo erotizou a figura humana conservada em quase-morte, esta que nos representa, que somos nós, agônicos sobreviventes da *guerra que não houve*, metaforizada pelo *regime do atentado*. Não é pois de estranhar que a eutanásia se haja convertido recentemente em moda cinematográfica. Pelo menos quatro filmes tematizam a morte em vida, ou melhor, a vida em morte. *As invasões bárbaras*, *Menina de ouro*, *Mar adentro* falam de eutanásia; acima deles, realmente diagnóstico da erotização de Tâna-tos é *Fale com ela*, de Almodóvar.

Quem poderia deixar de reconhecer na paixão pela vida em morte ecos transferenciais do velho *Dr. Strangelove*? A megalomania fálica da cena final, o caubói a cavalo na bomba, representa o delírio emblemático, dominar o mundo, com seu corolário inevitável, o

2 Não fica clara a presença de Eros nesse homônimo feito para o namoro, supondo que o fosse. Fazendo incidir, sobre Fernando e Ophélia, o conhecido Eros e Psique — em que o infante lida por despertar certa princesa adormecida, só para descobrir, quando o consegue: “E vê que ele mesmo era / A Princesa que dormia” —, teríamos talvez uma pista sobre as metamorfoses erótico-narcisistas do poeta enamorado.

3 O que mais se repete em Freud é a identidade entre os impulsos sexuais e o “*Eros dos poetas*” (como se exprime em *Mais além do princípio do prazer*, p. 50). Uma boa dezena de reiterações da identidade entre erotismo, amor e vida, precisamente na obra daquele que melhor evidenciou suas dissonâncias, talvez afirme menos a certeza que a insistência em convencer-se. É incontestável, todavia, a influência do Eros criador da vida de Hesíodo e do orfismo, via Empédocles, dos poetas e sobretudo do *divino Platão* sobre o Freud dos anos 20 — o epíteto clássico “divino Platão” aparece no prefácio de 1920 à quarta edição dos *Três ensaios*. A questão para Freud é de manter o equilíbrio entre ciência e mito, e, no mito, entre o esotérico, órfico, e o político, olímpico, equilíbrio que ele não vê no *apressado Jung*. Mas, já que a ciência (a fisiologia) não tem nada a dizer *quanto ao modo pelo qual se dá a domesticação* (*Die Bändigung*) *do instinto de morte pela libido* (*O problema econômico do masoquismo*, p. 164), é ao mito do ser dividido, proposto por Aristófanes em *O banquete*, que Freud recorre (no *Mais além...*), passando ao largo de sua potencial comicidade, sem no entanto desconhecer com certeza que mitos podem explicar tudo. Dificilmente desconheceria também que o antídoto específico para a sedução teórica de um mito é o recurso a diversos mitos ou a diversas versões dele; caso contrário, de objeto de estudo passa a crença e depois a aplicação.

fim do mundo. A sucessão das tentativas de conquista universal — nazista, soviética, norte-americana — soube infundir seu erotismo agônico no íntimo da humanidade. O homem deixa de buscar remédio para a doença imperial e, como no subtítulo de *Dr. Strangelove*,<sup>4</sup> aprende a amá-la. Diante do exposto, não estaria um pouco fora do mundo uma psicanálise que sustentasse a coincidência de vida, amor e erotismo em Eros?

### Eros final

*Homo sum (...)*<sup>5</sup>

Revedo alguns contos não incluídos em *A Infância de Adão* (Herrmann, 2002) e relacionados ao tema, encontrei o seguinte — lúgubre ou premonitoriamente gravado num arquivo de computador, cujas “propriedades de arquivo” precisam: quarta-feira, 5 de setembro de 2001, 16h59m11s. Vale dizer, menos de uma semana antes do começo deste novo fim do mundo, tão finalmente retratado na alegoria *Um filme falado* de Manoel de Oliveira, cuja ironia pretende explicar à Comunidade Européia no que dá embarcar numa (nave) de (um capitão) americano; ou, respeitando a polidez do filme, quem sabe quisesse apenas advertir sobre as conseqüências dos maus modos: seja um imperceptível deslize no manejo da colher de sopa, seja o mais comum de se falar inglês à mesa, calando a polifonia da história.

O gênero ficção científica trata manifestamente de máquinas futuristas, monstros e viagens galácticas. Contudo, seu real valor, quando o tem, é o de situar o homem num ambiente estranho e despojado das complexidades da civilização corrente, pondo em evidência alguma dimensão essencial. Raramente é capaz de produzir grandes obras, constituindo antes uma espécie de fabulário crítico moderno, que recorre ao espaço da fantasia para descascar a essência, de seus acidentes circunstanciais. Por essa razão, presta-se a veículo excelente para a interpretação psicanalítica do mundo, tanto quanto a ficção arqueológica a que recorriam os primeiros psicanalistas e, ainda melhor, sem o risco de ser tomado por fato aquilo que apresenta. A teoria psicanalítica é mesmo difícil de entender em suspensão de crença — quem não cria, crê, diz o ditado. O melhor antídoto que conheço para a crença teórica é a ficção. Por isso a cultivo com fins precisos, como exemplo de teorias em *statu nascendi*, antes de tudo. Este, como meus outros contos, fábulas, parábolas ou metáforas, presta-se, o conjunto, de exemplo de teorias,

em que não é preciso acreditar, porque quase não existem ainda, contanto que se dê o mesmo tratamento àquelas tradicionais. Destarte, o livro *A Infância de Adão* é um compêndio prototeórico em miniatura e a presente história, uma prototeoria sobre o erotismo.

Encontra-se com freqüência na ficção científica o cenário seguinte. Desapareceram ou quase desapareceram os homens; no entanto, as máquinas de guerra que inventaram continuam a cumprir a tarefa destinada. De alguma forma conseguem reabastecer-se de material e de energia essenciais à sua manutenção: energia solar, atômica ou vulcânica, sondas de minério autônomas etc. A rede de computadores, entregue a si mesma, inova incessantemente os modelos de armas, fiéis à ética da espécie construtora. Os escassos sobreviventes desses mundos conflagrados são tomados de horror pela imagem que os espelha, talvez ainda mais que de terror pela extinção inevitável. Dezenas de contos, filmes e episódios de seriados desenvolveram tal gênero de situação hipotética, sempre evitando, porém, levá-la à sua lógica conclusão.

Imaginemos, portanto, um desses mundos, quem sabe o nosso. Um homem — chamemos-lhe *Eros*, para nos mantermos no terreno atemporal da fábula, com sua identidade genérica, atributos usuais da ficção científica — rebela-se contra o estado de coisas em que vive, como todos nós às vezes nos rebelamos contra o nosso. Estará sentado à sombra de uma árvore desfolhada, espectro calcinado de planta, no topo de uma pequena colina, meditando sobre o absurdo da guerra que vitimou o mundo conhecido, o qual, retrospectivamente, descobre que amava. Cada grão de terra é ele mesmo, faz parte de seu ser adâmico, de sua raiz no húmus. Um grupo de sobreviventes esqueléticos, ao pé da colina, cuida da última mirrada plantação, um milharal de poucos metros quadrados, que entrevemos nós também com os olhos da saudade antecipada. Qualquer sinal de vida, uma plantação de verdade, quintal ou alqueire, atrairia um bombardeio, ou coisa ainda pior. Há que morrer, certo, mas tão devagar quanto possível.

De longe, chega um estranho. Seu rosto trai a mesma fome de todos, a mesma desesperança. A poeira cobre-lhe os andrajos, manca, um dos pés esgarçado por explosão recente, ainda sangrando. Aproxima-se do grupo e suplica que lhe dêem de comer. Os outros miram-no desconfiados. Depois, cedem ao pedido, por compaixão ou por costume atávico, entregando-lhe meia côdea de pão. Ele se põe a falar, roendo o pão seco. De longe, Eros não consegue escutá-lo, mas supõe que narre suas

4 O título original deste filme de 1964, dirigido por Stanley Kubrick, é *Dr. Strangelove or how I learned to stop worrying and love the bomb*. No Brasil, o filme recebeu o nome de *Dr. Fantástico*.

5 Na íntegra, reza o lema de Terêncio: “Sou homem; nada do humano considero alheio” (*Homo sum; nihil humani a me alienum puto*).

desventuras, talvez a destruição de seu bando errante, prevenindo os colegas de infortúnio sobre alguma nova e monstruosa forma de ataque que as máquinas encontraram para dar cabo dos últimos homens. Sentado num toco, o estranho fala sem parar, enquanto afugenta com um ramo de capim as moscas varejeiras que lhe sugam as gotas de sangue.

Devagar, despertada a curiosidade, as pessoas reúnem-se ao seu redor, ficando só uma menina magricela a regar os pés de milho.

Eros imagina se o seu não seria o grupo final de sobreviventes. Não pode estar certo, ninguém pode estar certo de nada desde que se extinguíram os meios de comunicação, e o mundo, que era insano, enlouqueceu. Das casas caiadas de branco que antes cobriam a encosta do morro fronteiro só restam escombros espalhados ao léu. Havia uma escola e uma capela junto ao riacho, ele recorda vagamente. O tempo parece tão esgarçado e manco quanto a perna do estranho. Eros esforça-se, mas em verdade quase não se consegue lembrar nem mesmo de sua família. Sobra-lhe a imagem de uma mulher sorridente e de crianças à mesa, numa tarde ensolarada. Seriam suas? Ele voltava do trabalho no campo, ou era apenas por diversão que cuidava das plantas, sendo outra sua profissão? Que moscas teriam sugado as gotas de sangue do tempo? Os últimos dias ou meses era tudo o que recordava, além da solidão e da fúria cinzenta que não queria aquietar-se em seu peito, de uma rebeldia sem rumo, dó dos homens, das mulheres, dó de si, desvairada paixão pela forma humana em extinção. Enfim, talvez melhor não ser — sendo a morte lenta tudo o que restava da vida, a depurar o homem de seus acidentes, da atração pela maciez da pele e pela geometria dos corpos, revelando na morte a essência do amor absoluto.

Acabando de regar o extremo da horta, a menina desceu ao regato para lavar as mãos. O estranho acena a seus amigos para que se aproximassem, tira algo do bolso da calça, um pequeno objeto, redondo como um relógio, e mostra-lhes. Curioso, o grupo acerca-se para ver de perto.

Então, explodiu! Uma fulguração, um estampido seco e pedaços de gente atirados a esmo, sangue no ar, ossos no milharal, grito algum, que tempo não houve para tanto.

— Máquinas malditas! — urra Eros, já correndo la-deira abaixo. Todos mortos como sempre. Só a menina, protegida pelo barranco, gemia caída, quase desacordada. Eros atira-se a ela, abraça-a forte e protetor, procura consolá-la. Ela o fita estupidamente, balbucia qualquer coisa.

Ele sussurra que tudo está bem, que o perigo passou. Que loucura, pensa. Uma bomba minúscula, que cabe no bolso qual um relógio, e todos mortos, como sempre, como todo o sempre, igual rotina pelos séculos dos séculos. E o estranho, saberia o que levava? Seria um artifício das máquinas de guerra, talvez a indução de um estado hipnótico, uma indução que o forçara a portar a arma da própria destruição? Ou pior, pensou, não seria ele mesmo, o estranho, um artefato bélico, alguma espécie de robô biônico, capaz de sangrar, mas não de sentir? Parecia-lhe já haver escutado algo sobre homens-máquina assassinos, indistinguíveis dos homens de verdade, feitos às pressas de metal e carne. Lágrimas corriam-lhe pelo rosto encardido, um amor desesperado pulsava em seu coração. Tomou a menina nos braços, como quem recolhe a jóia única, a companheira, promessa de vida que carregou colina acima até chegar à sombra da sua árvore sem folhas.

— Se somos isto que inventamos, melhor não ser — ele diz para si mesmo entre dentes. Senta-se, pouxa a cabeça da menina ao colo, embala-a, curva-se sobre ela, beija-a. Pobre criança, irmã nesta raça que se vale até da compaixão para nos aproximar da bomba. E de uma bomba tão pequena, do tamanho de um relógio. Que, aliás, pensando bem, parecia exatamente isto: um relógio comum. Há quanto tempo não se via um relógio... Não admirava que os outros houvessem se aproximado para ver a raridade, para saber a hora, mesmo sem saber a que dia ou ano pertencesse, remendo pregado nos buracos do tempo. Uma bomba metida num relógio. Que obra-prima de miniaturização!

Porém, se não fosse o relógio que havia explodido e sim o portador? Tão mais prático, tão maquínico. Por que não pensara nisso antes?

Eros arregala os olhos, compreendendo tudo. As máquinas reinventaram o homem, para o fim que acreditavam haver sido sempre o dele: para matar os semelhantes, destruindo a si mesmo no processo!

É isso que somos, minha pequena, somos nós as máquinas de guerra.

Em seu peito ruge a fúria rubra, inflama-se o amor indignado. E Eros explode, pulverizando a última sobrevivente do nosso mundo.

### E daí?

*Constiterit pedibus dic ubi Christophorus?*<sup>6</sup>

Quando às vezes me perguntam como terminar um texto em que se quer dizer algo, mas teme-se que se

<sup>6</sup> *Christophorus Christum, sed Christus sustulit orbem: Constiterit pedibus dic ubi Christophorus?*, que se traduz assim: “Cristóvão carrega Cristo, mas Cristo carrega o mundo: diga-me, onde pisa Cristóvão?”, velha adivinha citada por Freud em *Psicologia de grupo e análise do ego*, p. 89.

entenda outra coisa, aconselho sempre a declará-lo explicitamente. Vou pôr em prática meu conselho.

Nada mais fácil que concluir da leitura deste artigo, com escândalo puritano, que o autor é um degenerado defensor da perversão, um caluniador de Eros, do amor sublime e dos homens em geral. Nem tanto. Passa-se apenas que a psicanálise corrente se encaminhou tanto ao primitivo, às suposições sobre a origem do psiquismo, que se esqueceu de que cada forma e cada estágio da vida anímica possuem sua própria superfície e sua própria profundidade. Isso nos tem levado a adocicar o erotismo, fazendo-o politicamente correto, mas quase nada erótico. Se é por isso, diga-se o que se disser da psicanálise, o fato é que, podendo escolher, ainda nos entusiasma mais a identificação com o *brilho no nariz* (no *Fetichismo* (Freud, 1927) do que com a beleza do rosto materno, o escalpelo psicológico de Proust do que o amor genital de Erikson e as personagens de Fernando Pessoa que desembarcam na vida sem escalas do que os estigmas do *self* por vicissitudes neonatais.

Acredito haver mostrado neste pequeno ensaio que o analista empenhado em defender a sinonímia de erotismo com amor e vida, mesmo que se sinta do lado do bem, no fundo está endossando uma ideologia mortífera. Hoje, o problema da perversão mudou de sinal. Se há cem anos parecia que a diversidade era perversa e a unidade são, atualmente, havendo admitido que uma perversão do real, uma versão restritiva, habita o íntimo de nossa civilização, a idéia mesma de organização unificadora que se contrapõe à de dispersão e fragmentação deixou, no mínimo, de opor com clareza normal e patológico. É fato que somos instados sem parar pela mídia ao politicamente correto, e ainda mais para nela sermos publicados, mas convém não esquecer que *politicamente correto* é tão-só a denominação hipócrita da hipocrisia. Nesse sentido, a discussão sobre a eutanásia é paradigmática. O problema da eutanásia existe e é sério, diz respeito essencialmente à saúde pública, aos dilemas da tecnologia e aos impasses da sociedade de massa, assuntos que não cabe agora discutir. Transportá-lo para a sutileza bizantina do paradoxo ético duração *versus* existência — é absoluto o valor da vida ou deve-se levar em conta a dignidade do indivíduo? — já é uma manobra diversionista. O forte apelo do tema, todavia, aponta para outro lado, para a erotização da morte que acompanha, como corolário, a erotização da guerra absoluta. Dialeticamente, a totalização negativa acompanha a positiva: a moda dos dinossauros ou das baleias, moda simpática e inofensiva, equilibra-se com a moda da eutanásia e do atentado; seu termo comum: a fuga da história — fuga para outro lado qualquer do espectro da extinção, o animal extinto, a natureza em vias de extinção, a agonia pessoal e a social.

Quem opta pela identificação do erotismo com o *milagre da vida* e o *puro amor* já se está engajando a revelia, a contragosto, a pesar seu, no maniqueísmo do projeto Bush para o fim do mundo.

A análise da psique do real despe a estratégia colaboracionista das suas racionalizações. Os homens sabem que vêm sofrendo um processo global de conquista e colonização. E reagem com sincera indignação contra os projetos imperiais já convenientemente derrotados. Ficam livres assim para aliar-se ao que interessa, mantendo, junto com o interesse, a boa consciência. Serão imunes os analistas ao colaboracionismo em sua política científica? Nem tanto: o caminho fácil para as filiais consiste em mimetizar a matriz.

Contudo, na psicanálise, o caminho fácil conduz inexoravelmente a impasses da prática. Para aquele que não é autor de seu próprio expediente, toda distância é infinita, toda experiência é indizível, todo corredor, um labirinto. *Ápeiros*, designando ao mesmo tempo *infinito* e *desconhecedor*, recupera das entranhas etimológicas da língua a equivalência entre falta (ou recusa) de conhecimento e atribuição de infinitude, indizibilidade, primitivismo etc. E tem mais. *Póros*, o *Expediente* — aquilo que falta ao *ápeiros* —, tanto significa *caminho* como *meio para atingir um fim* (*odós, métodos*).

A teoria psicanalítica parece haver sucumbido ao fascínio que uma figuração poderosa regularmente exerce sobre o pensamento, em especial a atração gravitacional de um mito. Em princípio, não precisaríamos de mitos para pensar. No entanto, se queremos usar algum, convém conhecer raiz e ramos, língua e cultura, além daqueles mitos aparentados. Do contrário, tudo se passa como se o analista acreditasse no mito, em vez de contentar-se em estudá-lo. Mitos são um modo de dizer e de pensar, são amostras da psique do real: transpõem seu tempo histórico ao mítico, como o demonstra Vernant, e animam o mundo com figurações da alma. O *Eros dos poetas*, a figura que se popularizou, condensa sexo, amor e vida, concentra tudo de bom e mais a infusão de vida no inorgânico. É-nos simpático, como o foi para Freud. Vá lá, o psicanalista que Freud inventou não é por natureza puramente olímpico ou puramente órfico, sendo provável que sua estirpe proceda daquele Apolo Lóxias, o deus curador de fala oblíqua, patrono dos oráculos e dos mal-entendidos. Porém, se nos fascina tanto pensar por meio de figuras míticas, fiquemos não com um, mas com três Eros, todos abonados e legítimos, cada qual presidindo a uma das dimensões que se mesclaram e confundiram.

O grande Eros, o primeiro deus, também conhecido como “Phánes, o que se manifesta” ao infundir vida no inanimado, vem de Hesíodo, pela tradição órfi-

ca, escorre pelo labirinto dos esoterismos, desce aos meandros profundos da religião (veja-se a *caritas* de Paulo, na epístola aos coríntios, também citada por Freud), sobe às nuvens da poesia romântica, precipita-se e deságua na foz do amplo instinto de vida freudiano, na idéia de *complexificação do orgânico*. No que concerne ao amor propriamente dito, talvez seja oportuno o analista recordar que o próprio Platão registra no *banquete*, ao lado do discurso de Aristófanes, o de Sócrates, que transmite o ensinamento de Diotima, segundo o qual Eros é precisamente filho do *Expediente* (*Poros*) com a *Pobreza* (*Penia*). Esse Eros menos triunfal, contraditório, que aspira ao belo por não sê-lo, representa o amor real, aquele com que o erotismo pode legitimamente relacionar-se; amores diferentes, parciais, revestidos pelo erotismo que lhes cabe. Já o erotismo contemporâneo remete-nos a outra versão do mito, que faz de Eros filho de Afrodite, deusa do amor, com Ares, deus da guerra. Daí que este último ofereça o modelo excelente de uma *erótica psicanalítica*, o *amor dos opostos*, o *amor contrário*, ao qual chamavam os gregos *Ânteros*. As três faces de Eros admitem gradientes de sentido comum, operam entre elas várias dialéticas, mas nunca se integram completamente em nosso espaço cubista.

Carlos Drummond de Andrade assim resume uma das dialéticas fundamentais de *Ânteros*:

*Os amantes se amam cruelmente  
e com se amarem tanto não se vêem.  
Um se beija no outro, refletido.  
Dois amantes que são? Dois inimigos.*

(Carlos Drummond de Andrade, “Destruição”)

Ou nas palavras de Camões, até mais simples:

*Pois tão contrário a si é o mesmo amor.*

## Referências

- Bataille, G. (1961). *Les larmes d'Éros*. Paris: J. J. Pauvert.
- Erikson, E. H. (1966). Eight ages of man. *International Journal of Psychiatry*, 2 (3): 281-307.
- Foucault, M. (1966). *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1905). Prefácio à quarta edição, 1920. In S. Freud. *Edição standard brasileira* (Vol. 7, p. 133-134). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil. In S. Freud. *Edição standard brasileira* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira*. (Vol. 18, p. 17-85). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud. *Edição standard brasileira* (Vol. 18, p. 89-179). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud. *Edição standard brasileira* (Vol. 19, 197-212). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1927). Fetichismo. In S. Freud. *Edição standard brasileira* (Vol. 21, p. 175-185). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira*. (Vol. 23, p. 239-287). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Herrmann, F. (2001). O mundo em que vivemos. In F. Herrmann. *Andaimos do real: Psicanálise do cotidiano: Parte terceira*. (3a. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2003). Psicanálise e política: No mundo em que vivemos. *Trieb*, Rio de Janeiro, 2 (2), 235-263.
- Herrmann, F. (2002). *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pessoa, F. (2001). *Cartas de amor de Fernando Pessoa*. Maria da Graça Queiroz (Org.). Lisboa: Nova Ática.
- Proust, M. (1981). *Em busca do tempo perdido. Vol. 1: No caminho de Swann*. (Mario Quintana, trad.). 5ª. ed. Porto Alegre: Globo.

## Resumo

Este ensaio procura desfazer uma confusão ideológica que vem de longa data: a que, sob o nome de Eros, reúne e identifica erotismo com amor e vida. São revistas algumas das razões de tal aglomerado teórico e as condições históricas que hoje o tornam não apenas impreciso, mas nocivo. Em particular, discute o poder aglutinador das figuras metafóricas, as míticas acima das demais, para sugerir que se adotem pelo menos três versões distintas do mito de Eros, já que dificilmente os analistas poderiam abrir mão de alguma referência mitológica. A demonstração tem como centro uma parábola, de autoria própria, que situa a natureza do erotismo agônico de nossa época.

7 In: *Reunião — 10 livros de poesias*, 1969, p. 258.

## Palavras-chave

Erotismo. Literatura. Mito. Sexualidade contemporânea. Teoria dos Campos.

## Summary

### **Three faces of Eros: essay on the contrary love**

In this paper the author tries to clear up an ideological misunderstanding which lasts for many years: under the nomination of Eros, love and life are put together and identified to eroticism. Some of the reasons to such theoretical confusion are reviewed, as well as some historic conditions that turn it not only imprecise, but also dreadful. Particularly the paper discusses the conceptual melting power of metaphoric figures, mythic in special, in order to suggest the adoption of (among others) three different versions of the Eros myth, since the analysts are so attached to some kind of mythological reference. The idea of such proposition has as its central point a tale (by the author) that points out the nature of our day's agonic eroticism.

## Key words

Eroticism. Literature. Myth. Contemporary sexuality. Multiple fields theory.

---

Fabio Herrmann  
Rua Agrário de Souza, 106 — Jardim Paulistano  
01445-010 — São Paulo — SP  
Tel. 11 3088-8123  
herrmannfl@globo.com